

1. A PONTE QUE A ENCHENTE NÃO LEVOU

Ritmo: Milonga Praieira

Cidade: Pelotas/RS e Osório/RS

Letra: Ivo Ladislau e Kako Xavier

Música: Kako Xavier

No violão: Kako Xavier

Bateria, Tambor de mão e vocal: Gabriel Soares

Baixo e vocal: Alinson Alaniz

Tambor Praieiro e vocal: Estela Polidori

Tambor Praieiro e vocal: Vânia Lima

Interprete: Kako Xavier

A ponte que a enchente não levou

Meu tambor já voltou a bater

É hora da virada, parei de
sofrer

Na força de quem ficou

Sou a ponte que a enchente não levou

Na batucada das obras

A esperança quer florescer

É o Rio Grande que se levanta

Para um futuro de novo viver

Caminhada nova pra sorrir

Nos campos e ruas refiz meu jardim

Mão com mão pra reconstruir

Um povo unido que canta assim

**Vai tambor, conduzindo a nossa nação
Depois da virada. renasce esse chão**

Meu tambor renasce no teu coração
Depois da virada, só quero viver
E ninguém solta a mão de ninguém
Sou a ponte entre a força e o
agradecer

Deixa a tristeza pra lá

Que a vida quer sorrir

Depois das águas, do medo,

A esperança, que o nosso chão vai florir

Caminhada nova pra sorrir

Nos campos e ruas refiz meu jardim

Mão com mão pra reconstruir

Um povo unido que canta assim

Meu tambor é a trilha sonora

nossa força prá reconstrução

a virada começa agora

fortalece na palma da mão.

2. A CONTAR E RECONTAR

Ritmo: Canção

Cidade: Caxias do Sul/RS

Letra e melodia: Fábio Soares

Guitarrón: Quinto Oliveira

Acordeon: Uiliam Michelin

Violino: Pedro Kaltbach

Contrabaixo: Rodrigo Ziliotto

Intérprete: Fábio Soares

A CONTAR E RECONTAR

Me encantava esse teu jeito
De contar constelações
Me falar de cada uma
Como fossem emoções

Cada estrela tinha um
Nome um sentido de existir
Tu contavas com esmero
Sem cansar de repetir

Toda noite, ante ao sono
Tu ficavas na janela
A contar e recontar
Cada lume sentinela

Em dia de noite escura
Se notava teu sofrer
Por não veres teus luzeiros
Adornando teu viver

**Cada noite sem estrelas
Era triste teu olhar
Nada havia que pudesse
Tua angústia acalantar**

**Me restava ser abrigo
Num tentar amenizar
Cada noite sem estrelas
Era triste teu olhar**

Com o tempo - num compasso –
O belo perdeu sentido
Era dor não ter
Estrelas um sofrer
Despercebido

Eram ganas redomonas que
Rondavam nos teus dias
Noite escura era tristeza
Noite clara alegria.

3. MINHA INSPIRAÇÃO DE POETA

Ritmo: Milonga

Cidade: Júlio de Castilhos/RS e Panambi/RS

Letra: Juliano Santos

Melodia: João Paulo Deckert

Violão solo: Marcelinho Carvalho

Guitarrón e vocal: Beto Borges

Contrabaixo e vocal: Nando Soares

Piano: Diogo Barcelos

Acordeon: João Paulo Deckert

Intérprete: João Paulo Deckert

Minha Inspiração de Poeta

Minha inspiração de poeta
Por vezes fala de ti.
E do beijo do Sarandi
Nas claras águas da sanga.
Fala da doce pitanga
Beijando a boca dos meus,
Fala de um triste adeus
Picaneando os bois de canga.

Minha inspiração de poeta
Nasce pelos galpões.
Nas fumaças e fogões
E de um abraço apertado.
Vem do berro do gado
Mugindo pra noite escura,
E da vela de quem procura
Luz pra os seus pecados.

Minha inspiração de poeta
De relatar o que vivo,
Fala do campo nativo
Grama forquilha - trevais.
Fala de potros baguais
Enfrenados com paciência,
Do mate que é a essência
Herança dos ancestrais.

Talvez eu nem seja Poeta
E sim um apaixonado
Que traz no verso riscado
Sua válvula de escape
E finde assim, no arremate
Com a rima da saudade
Cantar dores, amores, verdades
Que assolam nosso tempo
E no verso buscar alento
Que aconchegue a realidade

Minha inspiração de poeta
Transcende minha existência.
Fala de outras querências
Das quais eu nem vivi.
Fala de lá, e de aqui...
De outro plano fecundo
Relata as dores do mundo
Do pobre chão de um guri.

Minha inspiração de poeta
Da fome rondando o rancho.
Fala de algum carancho
Que a fraqueza surrupia.
Mas também traz alegria
De não frouxar o garrão.
Pois nasce neste Rincão
A esperança todos os dias.

4. POR MAIS UMA MILONGA

Ritmo: Milonga
Cidade: Esteio/RS
Letra: João Lucas Cirne
Melodia: Jean Carlo Godoy e João Lucas Cirne

Violão: Dilson Joia
Violão 7 Cordas: Guilherme Castilhos
Contrabaixo: Miguel Tejera
Intérprete: Gustavo Ortácio

POR MAIS UMA MILONGA

Quedava-me em silêncio... Lá no galpão em repouso...
Ouvindo a chuva insistente, com ares de mau agouro.
Fui emprestado ao compadre, numa charla em noite longa,
Pra musicar alguns versos, ou por mais uma milonga!

Que relembresse momentos de canções em parceria,
Do firme afago nas cordas ao entoar nostalgias...
Mas ouço murmúrios altos, de quem parte sem delongas,
Talvez não mais me procurem, nem por mais uma milonga!
As ruas virando rios... Viraram rios nossas ruas!

Os ranchos abandonados... Luz, só restava a da lua...
E um silêncio inquietante, cujo nada me “ressonga”:
- quem resgatará um pinho, só por mais uma milonga?!

A enchente se avolumava, os barcos cruzam logradouros...
Se salvava o que podia, cada qual com seus “tesouros”...
“- violão se compra outro!” – tal pensamento me ronda,
- não me escaparei das águas, - não por mais uma milonga!

O galpão se abriu num golpe! - era o compadre encharcado...
Salvou família e o guaipeca... Todos num bote arreglados,
Eu era um dos recuerdos, e fui junto às malas prontas...
Pra reconstruir a vida... Sim, por mais uma milonga!

As ruas virando rios... Viraram rios nossas ruas!
Os ranchos abandonados... Luz, só restava a da lua...
Gratidão é o sentimento que em minh’alma se prolonga...
Me vi a salvo das águas, só por mais uma milonga!

5. MENINA DOS TEUS OLHOS

Ritmo: Toada Milonga
Cidade: Ivoti/RS
Letra e melodia: Sandro Souza

Violão e vocal: Sandro Souza
Violão aço e vocal: Gustavo Ortácio
Baixo e vocal: Gustavo Brodinho
Teclados: Calil Souza
Intérprete: Cairon Silva

Menina dos teus olhos

O que canta, o mal espanta
Mas o mal no bem disfarça
O que ri da dor delira
Erra a mira quem se afasta
O que corre o tempo assusta
E a saudade dentro ecoa
O que vai alto, um dia afunda
E lá do fundo, um dia voa

Quero saber Oh Pai!
Por favor me diz!
Onde a dor se origina
Pra cortar pela raiz?
Quero saber Oh Mãe!
Por favor me diz!
Onde o mal não dissemina?
Para o brilho
Da menina dos teus olhos
Ser matriz

O que vai nas entrelinhas
Não se ouve nas conversas
O que grita, a voz definha
O que clama ajuda, reza
Essa fé que nos apura
Água mole em pedra dura
Tanto bate a esperança
Que um dia a gente alcança

Quero saber oh Pai!
Por favor me diz!
Onde a dor se origina
Pra cortar pela raiz?
Quero saber oh Mãe!
Por favor me diz!
Onde o mal não dissemina?
Para o brilho
Da menina dos teus olhos
Ser matriz.

6. DESCULPA

Ritmo: Aire de Milonga
Cidade: Praia do Cassino/RS e Pelotas/RS
Letra: Sérgio Carvalho Pereira
Música: Roberto Borges

Violão: Luciano Fagundes
Contrabaixo: Miguel Tejera
Sax: Daniel Zanotelli
Piano: Luiz Mauro Fillho
Intérprete: Ariane Wink

Desculpa

Eu vim pedir-te desculpas
O meu verso te mentiu
Perdoa, não tenho culpa
Por tanto de desvario.

Eu vi te jurou carinho
Nada lhe importou a verdade
De noite pegou o caminho
E eu de manhã... realidade.

E quanto primero quarto
Passei lhe rondando insone
Mas quando levo o cabresto
Me fecha os olhos e some.

Ele me tem nesse mundo
Rima e palavra quebrada
Sabe que pode de tudo
Só por ser verso e mais nada.

Me perdoa, e aqui te peço
Por favor não crê em mim
A minha voz já é do verso
E nem sei quem fala enfim.

Promessa felicidade
Tristeza, melancolia
Aquele que conheceste
Não passa de poesia.

7. CAMPO ENCHARCADO

Ritmo: Milonga

Cidade: Bagé/RS

Letra e música: Lucas Gross

Guitarron: Danner Marinho

Violão: Lucas Gross

Violão e Vocal: Odair Teixeira

Cordeona: Mauro Silva

Contrabaixo: Aparício Maidana

Intérpretes: Lucas Gross, Mauro Silva e Danner Marinho

CAMPO ENCHARCADO

Choveu a semana inteira
Foi bem mais do que o previsto...
E o campo todo encharcado
Pede ajuda a São Francisco...

Faz dias que eu não escuto
O cantar da passarada...
Casereando nos seus ninhos,
Sem sol pra adornar carinhos,
Nem ver a poeira da estrada...

O padrilho no galpão,
Resmunga de pelo fino...
Invejando a liberdade
Que engrossa o pelo brasino!

E o touro costeia a cerca
Como quem pede por Deus...
O medo pesa nos "ombros"
E cada raio, um assombro,
Que converte o mais ateu!

**Juntei égua e juntei vaca
Sem medir força com o tempo...
Assim mantenho o sustento**

Nesses 'fundão' de meu Deus.

**Já perdi vaca pesada,
Também éguas de respeito!
Por isso cuido o que tenho,
E o que vou deixar pra os meus!**

Choveu a semana inteira
E o campo é prece que berra...
Mesclando vento e relinchos,
A força bruta da terra!

É a vida que se repete,
E todo ano é assim...
Quando se escapa do que maio,
O junho encontra meu baio
Forçando pata por mim!

Quem sabe logo o sol volte,
Seque a alma destes fundos...
E o bico da passarada,
Imite o assovio da estrada,
Descasque um cantar fecundo!

8. UM NOVO DIA

Ritmo: Canção

Cidade: Estrela/RS

Letra e melodia: Nelson Souza

Piano e vocal: Diogo Matos

Acordeon: Guilherme Goulart

Bateria e vocal: Arison Marins

Violão e vocal: Emerson Martins

Contrabaixo: Lucas Esvael

Intérprete: Igor Tadielo

UM NOVO DIA

Sim,
Confesso que chorei,
Mas quem não chora!?
Todo suor que eu sangrei
Na corrente foi embora.

Quando a terra encharca e cresce o
rio,
E vejo meus pedaços rio afora
Confesso que chorei,
Mas quem não chora?!

Sim,
Entendo que caí,
Mas quem não cairia!?
Ver que o lugar que eu conheci
Já não mais existia.

Toda a força que a água tem
Não leva a esperança dos meus
dias,
Mas entendo que caí,
Quem não cairia?!

Sim,
É claro que rezei,
Quem não rezaria!?
Ergui a mão pro céu e supliquei,
Que a água baixe e a chuva estie.

Há quem perdeu o lar, a terra, o
pão...
Há quem perdeu a si, a vida, o
chão...
Por isso que eu rezei,
Quem não rezaria?!

**Mesmo com a lama sob os pés,
Mesmo tendo barro em nossas
mãos
O rio nunca levou a nossa fé,
A água trouxe mãos de
compaixão.
E ver reconstruir um novo dia
Inunda o rosto, agora, de alegria
Confesso que chorei,
Mas quem não chora?!**

9. O SONHO DA FLOR COLHIDA.

Ritmo: Milonga

Cidade: Passo Fundo/RS e Itaqui/RS

Letra: Henrique Fernandes

Melodia: Felipe Goulart

Violão: Márcio Rosado

Violão: Julianio Moreno

Contrabaixo: Aparicio Maidana

Gaita: Evandro Pires

Flauta: Gil Soares

Intérprete: Lu Schiavo

O SONHO DA FLOR COLHIDA

Terão outro destino
Estas flores de tapera...?
Que florescer na esperança
De adornar uma janela...
Junto ao cabelo negro
Que guarda olhos de espera,
Onde as mãos de um domador
Vem regalar primaveras.

A tapera viu passar
Outros tantos domadores
Que cruzaram pela estrada
No rastro dos corredores.
Todos se foram alo largo,
Sem se importar com as flores,
Que floriram na esperança
De compor outros amores.

Lembrou bem a primavera
-um humilde changueador-.
Quando cruzou na tapera
Para colher uma flor.

Andava longe das “casa”
Por se ajustar domador.
Trazia calos nas mãos,
Nos olhos calos de amor.

Fora feliz a “florzita”
Que em certo dia colhida,
Se fez lua nos cabelos
Em negras cerdas compridas.
Envolta à um pañuelo negro
Tão desgastado da lida;
Que o vento drapeja aromas
De eternas despedidas.

Outras tantas flores belas
Não tiveram a mesma sina:
Foram levadas a esmo
Junto a um fiapo crina.
E o sonho da flor colhida
Que cansou de ser teatina,
Renasceu cerzida ao pano
Dalgum vestido de china.

10. A INSÔNIA DA AMAZÔNIA

Ritmo: Milonga

Cidade: Porto Alegre/RS e Capão do Leão/RS

Letra: Dilan Camargo

Melodia: Everson Maré

Violão: Everson Maré

Baixo: Ricardo Silva

Percussão: Matt Thofehn

Gaita: Geovane Marques

Flauta: Gil Soares

Arranjo: Everson Maré

Intérpretes: Alex Moreira, Robledo Martins e Everson Maré.

A INSÔNIA DA AMAZÔNIA

Na insônia da Amazônia
um incêndio de insânia
a verde floresta em chamas
o solo ferve, reclama
fogo arde em céu aberto
o verde vira deserto.

Na insônia da Amazônia
a motosserra desmata
mata ramos e raízes
a brisa já não balança *
um jardim se esvai em cinzas
a terra nunca descansa.

Gaia, Gea, hileia!
A Terra-Floresta clama.
Os Yanomamis nos chamam.

Na insônia da Amazônia
um inferno na floresta
queima o sonho do poeta
de uma natureza em festa *
não se cumpre a promessa
de uma eterna primavera. *

Na insônia da Amazônia
os Yanomamis nos chamam
Pindorama sem garimpo
o ouro é o ser humano
o solo, os rios e um céu limpo
num planeta soberano.

*Intertextualidade com os poemas “Navio Negreiro” de Castro Alves e “A Pátria” de Olavo Bilac.

11. TAPERAS

Ritmo: Canção

Cidade: Viamão/RS e Porto Alegre/RS

Letra: Leonardo Quadros

Melodia: Guilherme Castilhos

Violão: Leonardo Quadros

Violão: Guilherme Castilhos

Violão: Érlon Péricles

Flauta: Texo Cabral

Viola: Gustavo Brodinho

Baixo: Cássio Castilhos

Intérprete: Vinícius Brum

TAPERAS

Pátio de terra, bem varrido, bem
cuidado

Um Galpãozinho frestado para as
sestas do verão

Erva na tulha, quirela, milho quebrado
Canto de galo, afinado, que
despertava o rincão

Tudo era lindo, por ali tudo vivia
Desde o sol, que dá bom dia ao Luar
que diz Adeus

Lenha de mato, Aroeiras de puro
cerno

Aquecendo o frio do inverno, o
rancho, um cobertor de Deus

Tempo marcado sem o ponteiro das
horas

Com a chuva o campo aflora, faz a
semente brotar

Por ironia, a benção se fez lamento
Encharcando os bons momentos, que
vivi neste lugar

Hoje só resta uma tapera sem trilha
Os retratos de família e um silêncio,
de doer

Pelas paredes, junto às fotos,
desbotadas

Marcas da enchente passada que
afogou um viver

Pela lembrança de tudo o que foi
embora

Sozinha a Tapera chora, chora o
Salso Chorão

Meus olhos tristes, quinha, com
muitas goteiras

Apodrecendo a madeira do esteio do
coração.

12. AQUARELA DO AMANHÃ

Ritmo: Aire de Chacarera
Cidade: Dom Pedrito/RS
Letra: Sandro Maia
Melodia: Alexson Massagão

Guitarron e vocal: Alexson Massagão
Piano e vocal: Fábio Peralta
Saxofone: Daniel Zanotelli
Percussão: Tasso Canaparro
Intérprete: Ângelo Franco

AQUARELA DO AMANHÃ

Vou pintar nosso futuro
Na aquarela do amanhã
D'onde o sol dessas manhãs
Seja afago a escuridão
Sem arder na vastidão
Além da conta, meu amigo...
Falta ozônio, que perigo!
Sobra cor de poluição

Vou pintar nosso futuro
Neste quadro de esperança
Com a pureza de criança
Na moldura desta rima
Desenhando novo clima
Primitivo e ancestral
Com seu brilho natural
E sua alma cristalina

**O inocente então contesta
E fumaça sobe ao céu
Parecendo um próprio véu
-Ilusão que se encordoa-
Pois o clima não perdoa
Tem instinto animal
Aguaceiro e vendaval
Nada disto é à toa!**

E assim neste cenário
A natureza é quem resiste
E o homem tanto insiste
Em gabar a evolução
Cava fundo na extração
E desmata a própria sorte
Pinta nacos de sua morte
Com tinta de exploração

Esta Terra é uma obra
É divina e celestial
Por favor, não leve a mal
A razão deste meu verso
Mas, por fim, eu te confesso
Que não seja utopia
Desenhar um novo dia
Aclimatado

13. SERPENTE DAS AGUAS

Ritmo: Milonga

Cidade: Florianópolis/SC e São Lourenço do Sul/RS

Letra: Adão Quevedo

Melodia: Tuny Brum

Baixo: Rodrigo Maia

Piano: Diogo Barcelos

Violão: Felipe Goulart

Flauta: Charlise Bandeira

Intérprete: Tuny Brum

SERPENTE DAS AGUAS

Quando a serpente das águas
Engole bichos e gente,
Deixa um rastro de lama
Nos casebres inocentes.

Quando o fogo das queimadas
Veste a terra de luto,
Chora o rio nas enxurradas
E a terra nega seu fruto!

Homem desalmado é “bicho”!
Que não faz falta na terra!
Deixa seu rastro de lixo
E se consome nas guerras.

A semente da ganância
Fere o coração do rio,
E a enchente por vingança
Devolve as águas no cio.

O clima manda recados
Nas queimadas, nas enchentes,
O planeta anda esgotado
Cansado de sua gente!

14. VÓ NEGUINHA

Ritmo: Canção

Cidade: Sapucaia do Sul

Letra: Marina Duarte/Ângela Bueno

Melodia: Gabi Nogueira

Violão: Fernando Graciola

Violão: Leandro Rodrigues

Violão: André Ely

Violão: Matheus Krummenauer

Intérpretes: Amanda Nunes e Marina Duarte

VÓ NEGUINHA

Sentada a beira do
fogão
Com olhos cheios de
saudades
Vó Neguinha me conta
Sua história antes de vir
pra cidade

Nascida no interior
O rancho era de capim
Cama, mesa, feito de
vara
Berço rede de taquara

Cama, mesa, feito de
vara
Berço rede de taquara

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim

O trabalho era na roça
Desde jovem com os
irmãos
Plantando, colhendo
erva
E tudo era diversão

Secava erva de carijo
Cancheava com um
facão
Pra ficar bem moída
Era socada no pilão

Pra ficar bem moída
Era socada no pilão

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim

Para pescar no reúno
Que era cheio de traíra
Tirava minhoca do
barro
E do mato tirava embira

A vida no interior
Deixa a saudade de
herança
Vó Neguinha me conta
Pra nunca esquecer
suas lembranças

Vó Neguinha me conta
Pra nunca esquecer
suas lembranças

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim

Foi crescendo feito
arbusto
Nada achava ruim
Tomava água da bica
Sempre atenta aos
graxaim.

15. CÉU AFORA

Ritmo: Maçambique

Cidade: Santo Antônio da Patrulha/RS e Campo Bom/RS

Letra: Chico Saga

Melodia: Cairon Silva

Guitarrón e Vocal: Chico Saga

Percussão e vocal: Flávio Junior

Viola e Vocal: Mário Tressoldi

Violino: Sandro Souza

Intérpretes: Cairon Silva e Grupo Chão de Areia

CÉU A FORA

Num sonhar de duas vidas
A buscar uma saída
para além deste destino,
eu resgato o eu menino
das pandorgas céu a fora,
que um dia foi-se embora
sem que eu nem percebesse ,
Que sorte se eu não crescesse
pra viver qual peregrino

Eu navego nas estrelas
Pra que eu possa então revê-la
antes de voltar pro mundo
Fecho os olhos num segundo
e retorno pro espaço
onde lá atei um laço
de amor pra eternidade
encontrar felicidade
no sentido mais profundo

Eu abraço a mesma alma
Nesta paz que me acalma
onde tudo recomeça
Nada mais me interessa
que provar de novo o beijo,
e somente em sonho vejo
sem depois acordar triste .
Se este céu de fato existe,
coração me pede pressa!

